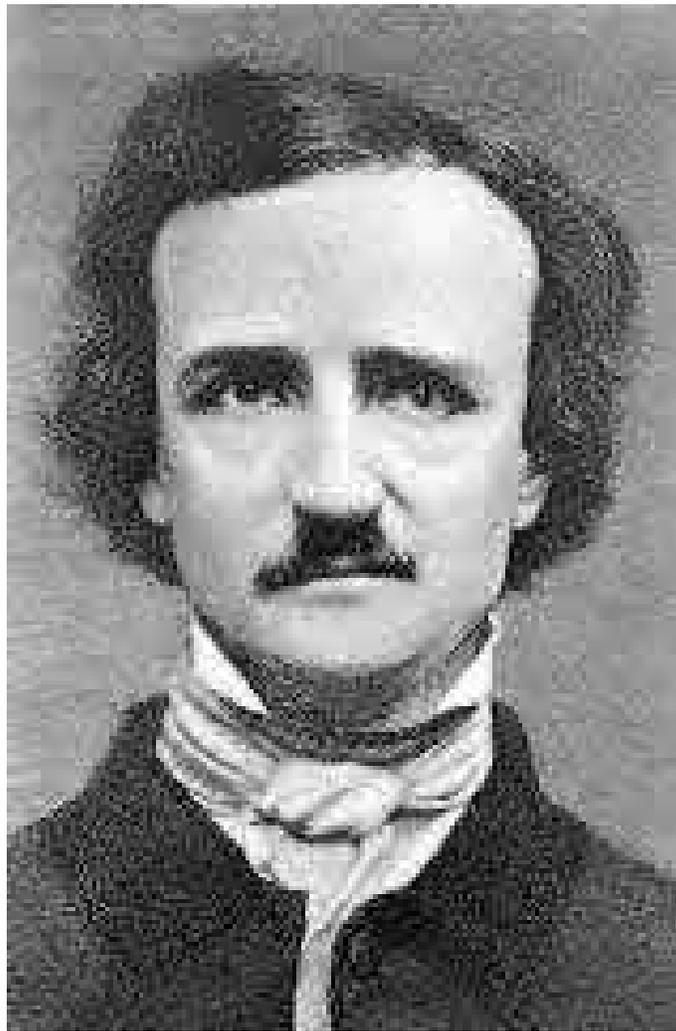
Biblioteca Virtualbooks

# A QUEDA DA CASA DE USHER

## EDGAR ALLAN POE

# A QUEDA DA CASA DE USHER

*"Son couer est un luth suspendu;Sitôt qu'on le touche, il résonne".*
**Du Beranger**

Durante todo um dia pesado, escuro e mudo de outono, em que nuvens baixas amontoavam-se opressivamente no céu, eu percorri a cavalo um trecho de campo singularmente triste, e finalmente me encontrei, quando as sombras da noite se avizinhavam, à vista da melancólica Casa de Usher. Não sei como foi – mas, ao primeiro olhar que lancei ao edifício, uma sensação de insuportável angústia invadiu o meu espírito. Digo insuportável, pois tal sensação não foi aliviada por nada desse sentimento quase agradável na sua poesia, com o qual a mente ordinariamente acolhe mesmo as imagens mais cruéis por sua desolação e seu horror. Olhei para a cena que se abria diante de mim – para a casa simples e para a simples paisagem do domínio para as paredes frias – para as janelas paradas como olhos vidrados – para algumas moitas de juncos – e para uns troncos alvacentos de árvores mortas – com uma enorme depressão mental que só posso comparar, com alguma propriedade, com os momentos que se sucedem ao despertar de um fumador de ópio – com o momento amargo de retorno à rotina – com o terrível cair do véu. Eu tinha no coração uma invencível tristeza onde nenhum estímulo da Imaginação podia descobrir qualquer coisa de sublime. Que era – pensava eu, imóvel – que era isso que tanto me atormentava na contemplação da Casa de Usher? Era um mistério inteiramente impenetrável; também não consegui compreender as idéias nebulosas que me assaltaram. Fui forçado a contentar-me com a conclusão insatisfatória de que enquanto, sem dúvida, há combinações de coisas

simples que têm o poder de assim nos afetar, a análise desse poder ainda está entre as cogitações além do nosso alcance. Refleti que era possível que um simples arranjo diferente dos pormenores do cenário, das minúcias do quadro, seria suficiente para modificar, ou talvez para aniquilar a sua capacidade de suscitar impressões penosas; e, procedendo de acordo com esta idéia, dirigi o meu cavalo para a borda escarpada de uma lagoa, ou antes de um charco sombrio e lúgubre que formava um sereno espelho perto da residência, e olhei para baixo – mas com uma emoção ainda mais profunda do que antes para as imagens invertidas das junças cinzentas, e dos troncos espectrais, e das janelas paradas com olhos mortiços.

Apesar de tudo, resolvi então ficar durante algumas semanas nessa mansão de melancolia. Seu proprietário, Roderick Usher, fora um dos meus alegres companheiros de infância; mas muitos anos haviam decorrido depois que nos tínhamos encontrado pela última vez. Uma carta, entretanto, fora, havia pouco, ter às minhas mãos num recanto distante do país – uma carta dele – a qual, no seu tom grandemente impertinente, não admitia outra resposta, que a minha presença. A letra evidenciava a sua agitação nervosa. Falava numa doença física aguda – num distúrbio mental que o atormentava – e num grande desejo de ver-me, por ser eu o seu melhor e, mesmo, o seu único amigo pessoal, esperando que a satisfação de me tornar a ver trouxesse algum alívio aos seus padecimentos. Foi a maneira como tudo isto, e muito mais do que isto, me foi dito – foi o coração que impregnava o seu pedido, o que não me permitiu um momento de hesitação; e, assim obedeci em seguida ao que, todavia, considerei uma convocação bastante singular.

Embora em nossa meninice tivéssemos sido companheiros muito íntimos, eu realmente conhecia pouca coisa do meu amigo. A sua reserva sempre fora excessiva e habitual. Sabia, contudo, que a sua família, muito antiga, se distinguia, através de muito tempo, por uma particular sensibilidade de temperamento, assinalando-se, em muitas gerações, por muitas obras de arte exaltada, e que tivera, recentemente, gestos repetidos de caridade generosa, embora cheia de discrição, manifestando uma devoção apaixonada pelas sutilezas, talvez mais ainda do que pelas banais belezas

ortodoxas da ciência musical. Eu soubera, também, do fato muito notável de que o tronco genealógico de Usher, venerável como era, em nenhum período da sua existência dera origem a algum ramo que se conservasse; por outras palavras, que a família inteira só se perpetuava por descendência direta, e sempre se conservara assim, com variações muito temporárias e efêmeras. Enquanto observava mentalmente a perfeita concordância do caráter da propriedade com o suposto caráter dos habitantes e enquanto especulava sobre a possível influência que um, na longa ronda dos séculos, podia ter exercido sobre o outro, – ocorreu-me que essa falta de ramos colaterais e a conseqüente transmissão direta, de pai para filho, do patrimônio e do nome, tinha, finalmente, identificado a ambos de tal forma que dissolvera o título original da propriedade na denominação equivoca e estranha de "Casa de Usher" – denominação que parecia incluir, na mente dos camponeses que a usavam, a família e o solar da família.

Eu disse que só o efeito da minha experiência algo tanto pueril – essa de olhar para o interior da lagoa – bastara para acentuar a mais singular impressão. Não pode haver dúvida de que a consciência do rápido progresso da minha superstição – por que não haveria de dizer assim? – serviu principalmente para acelerar esse mesmo progresso. Assim, já o sei suficientemente, é essa a lei paradoxal de todos os sentimentos que têm o terror por base. E podia ter sido unicamente por esta razão que, quando novamente levantei os olhos para a própria casa, abandonando a contemplação da sua imagem na água, cresceu na minha imaginação uma estranha idéia – uma idéia tão ridícula, na verdade, que só lhe faço alusão aqui para mostrar a intensidade das sensações que me oprimiam. Eu tinha exaltado a minha imaginação de forma a realmente acreditar que em torno de toda a casa e do terreno flutuava uma atmosfera peculiar a ambos e à sua vizinhança imediata – uma atmosfera que não tinha afinidade com o ar do céu, mas que se havia evolado das árvores senis, das paredes cinzentas, do pântano silente – um vapor pestilento e místico, pesado, inerte, mal perceptível, cor de chumbo.

Repelindo do meu espírito o que deve ter sido um sonho, examinei mais de perto o aspecto real do edifício. A sua feição principal parecia ser a de uma antigüidade

excessiva. A ação dos séculos fora profunda. Ínfimos fungos cobriam-lhe todo o exterior, formando um debrum finamente tecido, que pendia dos beirais. Entretanto, não havia estragos mais acentuados. Nenhuma porção de alvenaria ruíra; e parecia haver uma extravagante incompatibilidade entre a ainda perfeita adaptação das partes e a condição precária de cada pedra. Nisto havia algo que me recordava a integridade aparente de uma velha obra de madeira que apodreceu no transcurso de longos anos nalgum subterrâneo esquecido, sem receber o contacto da atmosfera exterior. Além desta indicação de velhice extrema, contudo, a estrutura dava poucos indícios de instabilidade. Talvez o olho de um observador atento tivesse descoberto a única fenda visível, a qual, estendendo-se do teto, na fachada, descia pela parede abaixo, formando ziguezigues, até se perder nas águas sombrias do charco.

Reparando nestas coisas, transpus um curto caminho que conduzia à casa. Um criado tomou o meu cavalo e eu penetrei na arcada em estilo gótico do vestíbulo. Um outro criado de passos furtivos conduziu-me depois, em silêncio, através de muitos corredores escuros e intrincados, para o estúdio do seu amo. Muitas coisas que encontrei pelo caminho contribuíram, não sei como, para acentuar as vagas impressões de que já falei. Enquanto os objetos em torno de mim – enquanto as pinturas do teto, as sombrias tapeçarias das paredes, o negrume de ébano dos soalhos, e os fantasmagóricos troféus de armas que retiniam enquanto eu caminhava – eram apenas coisas com as quais eu me acostumara na infância – enquanto eu não vacilava em reconhecer o quanto tudo isto era familiar – ainda me admirava de achar quão pouco familiares eram as impressões que as imagens ordinárias me despertavam. Numa das escadas, encontrei-me com o médico da família. A sua fisionomia pareceu-me encerrar uma mescla de baixa astúcia e de embaraço. Ele cumprimentou-me com qualquer coisa de trepidação e passou. O criado agora abriu uma porta e pôs-me na presença do seu amo.

A peça em que me encontrava era muito espaçosa e alta. As janelas eram compridas, estreitas e pontudas, e colocadas a uma distância tão grande do sombrio soalho de carvalho que se tornavam inteiramente inacessíveis pela parte de dentro. Débeis raios de luz avermelhada

coavam-se através das vidraças e das rótulas, servindo para tornar suficientemente distintos os objetos mais proeminentes, em torno; a vista, contudo, esforçava-se em vão por alcançar os cantos mais remotos do aposento, ou os recessos do teto, abobadados e cheios de ornatos. Tapeçarias escuras pendiam das paredes. A mobília era profusa, sem conforto, antiquada, e encontrava-se em estado precário. Muitos livros e instrumentos de música estavam espalhados em torno, mas não conseguiam dar nenhuma vitalidade ao ambiente. Senti que estava respirando uma atmosfera de angústia. Um sopro de profunda, penetrante e irremediável tristeza andava no ar e tudo invadia.

À minha entrada Usher levantou-se do sofá onde estivera deitado em todo o comprimento, e saudou-me com um calor e uma vivacidade que tinha muito, pensei a princípio, de cordialidade exagerada – do esforço constrangido do homem cansado do mundo. Contudo, um olhar à sua fisionomia convenceu-me da sua perfeita sinceridade. Sentamo-nos; e por alguns momentos, enquanto ele não falava, eu o contemplei com um sentimento onde se mesclavam a piedade e o horror. Sem dúvida, homem algum jamais mudara tão terrivelmente, num período tão curto, como mudara Roderick Usher! Foi com dificuldade que pude convencer a mim mesmo a identificar a criatura descorada que estava diante de mim com o companheiro dos meus tempos de menino e adolescente. Entretanto, os traços da sua face tinham sido em todos os tempos notáveis. Um rosto de cor cadavérica; uns olhos grandes, líquidos e luminosos, além de qualquer comparação; lábios um tanto finos e muito pálidos, mas com uma curva de uma beleza notável; um nariz com uma delicada feição hebréia, mas com uma largura de narinas incomum em semelhante tipo; um queixo muito bem modelado, lembrando, com a sua pouca proeminência, falta de energia moral; os cabelos de uma tenuidade e delicadeza de teia; – estas características, com uma expansão irregular acima das fontes, tornavam sua cabeça difícil de ser esquecida. E, agora, o simples exagero do caráter predominante destas feições e da sua expressão habitual constituía uma mudança tamanha que eu como que não tinha certeza com quem estava falando. A atual palidez cadavérica da pele e o atual brilho milagroso dos olhos, acima de tudo, causavam-me

admiração e mesmo pavor. Os cabelos sedosos também tinham crescido à vontade, sem cuidado algum, e como, na sua textura de filandras, flutuassem mais do que caíssem pela face, eu não pude, mesmo fazendo um esforço, ligar a sua expressão de arabesco com nenhuma idéia de simples humanidade.

As maneiras do meu amigo logo me chamaram a atenção em virtude de uma incoerência – de uma contradição; o que descobri de uma série de esforços fracos e inúteis para vencer um tremor habitual – uma excessiva agitação nervosa. Para isto, aliás, eu na verdade fora preparado, não menos por sua carta, do que por certas reminiscências de traços infantis e por conclusões tiradas do seu particular temperamento e constituição física. Os seus movimentos eram alternadamente vivazes e pesados. A sua voz variava rapidamente de uma indecisão trêmula (quando a vitalidade parecia totalmente esgotada) e essa espécie de concisão energética – essa elocução abrupta, pesada, tardonha e soturna – essa voz gutural, de chumbo, perfeitamente modulada, que pode ser observada nos beberrões perdidos ou nos incorrigíveis fumadores de ópio, durante os períodos da sua mais intensa excitação.

Foi assim que ele me falou do objeto da minha visita, do seu profundo desejo de me ver, e da consolação que esperava receber de mim. Entrou, com alguma profundidade, no que julgava ser a natureza de sua doença. Disse que se tratava de um mal constitucional, de família, e para o qual já desesperara de encontrar remédio – uma simples afecção nervosa, acrescentou imediatamente, que sem dúvida passaria. Manifestava-se através de um número de sensações anormais. Algumas destas, à medida que ele as particularizava, interessaram-me e causaram-me pasmo; entretanto, talvez os termos e a maneira geral do seu modo de narrar exercessem a sua influência. Sofria muito de um aguçamento mórbido dos sentidos; o mais insípido alimento era-lhe insuportável; só podia usar roupas de certo tecido; o aroma de quaisquer flores lhe era opressivo; seus olhos eram torturados mesmo por uma réstia de luz; e havia apenas alguns sons peculiares, e estes de instrumentos de cordas, que não lhe causavam horror.

Compreendi que estava escravizado a uma sensação anormal de medo. — Vou morrer, disse-me ele, tenho de

morrer desta deplorável loucura. Aqui, e só aqui está o meu fim. Tenho medo dos acontecimentos futuros, não por eles mesmos, mas por seus efeitos. Estremeço à idéia de qualquer incidente, mesmo do mais trivial, que possa influir nesta intolerável agitação de espírito. Na verdade, não tenho aversão ao perigo, exceto no seu efeito absoluto – no terror. Nesta condição lastimável e precária, sinto que mais cedo ou mais tarde chegará a ocasião em que terei de abandonar, a um tempo, a vida e a razão, nalguma luta com o cruel fantasma: o MEDO.

Observei ainda, a intervalos, e através de alusões ambíguas e fragmentárias, uma outra característica essencial do seu estado mental. Ele estava acorrentado, por certas impressões supersticiosas com relação à propriedade onde vivia, e donde, por muitos anos, nunca se afastara – com relação a uma influência cuja força hipotética era exposta numa linguagem demasiado nebulosa para que a reproduza aqui – a uma influência que algumas particularidades deforma e de substância da sua casa de família haviam exercido, à força de um longo sofrimento, sobre o seu espírito – a um efeito que a natureza física das paredes cinzentas, das pequenas torres e do turvo pântano em que tudo se mirava, tinha finalmente produzido sobre o moral de sua vida.

Confessou, entretanto, ainda que com hesitação, que grande parte da angústia que assim o atormentava podia ser atribuída a uma origem mais natural e muito mais palpável – à enfermidade longa e implacável – em verdade ao aniquilamento evidentemente próximo – de uma irmã ternamente amada, sua única companheira através de longos anos, seu único e último parente na terra.

— "A morte dela" — disse-me com uma amargura de que nunca posso esquecer-me — "fa-lo-ia (a ele, tão desesperado e fraco) o último sobrevivente da velha estirpe dos Usher." Enquanto falava, a Senhora Madeline (pois assim era ela chamada) passou através de uma parte remota do aposento e, sem ter notado a minha presença, desapareceu. Olhei-a com um grande espanto não isento de receio; e, todavia, achei impossível explicar semelhante impressão. Uma sensação de estupor me oprimia enquanto o meu olhar seguia os seus passos de retirada. Quando uma porta, finalmente, se fechou atrás dela, o meu olhar procurou instintivamente e avidamente

a fisionomia do seu irmão; mas ele escondera o rosto entre as mãos, e só pude perceber que uma palidez mais profunda do que a ordinária se espalhara pelos seus dedos emaciados, dos quais gotejavam lágrimas ardentes.

O mal da Senhora Madeline desafiara por muito tempo a habilidade dos médicos. Uma apatia estabilizada, uma lenta e gradual destruição física, e, freqüentes embora rápidas afecções de aspecto parcialmente cataléptico, eram o diagnóstico habitual. Até então, ela lutara firmemente contra as investidas do mal, e não se resolvera ainda a entregar-se à cama; mas, ao cair da noite do dia de minha chegada à casa, submeteu-se (conforme seu irmão me relatou mais tarde numa indizível agitação) à força deprimente da enfermidade implacável; e compreendi que o olhar que eu obtivera de sua pessoa seria provavelmente o último que obteria dela – que aquela dama, pelo menos enquanto vivesse, nunca mais seria vista por mim.

Durante vários dias depois deste fato, o seu nome não foi mencionado nem por Usher nem por mim; e durante esse período, tive um grande trabalho para mitigar a melancolia do meu amigo. Pintávamos e líamos juntos, ou eu escutava, como num sonho, as extravagantes improvisações da sua guitarra. E assim, à medida que uma intimidade cada vez mais profunda me levava mais francamente aos recessos do seu espírito percebi, com amargura crescente, a inutilidade de todas as tentativas para animar uma mente que impregnava de sombras, numa como constante irradiação de angústia, como se se tratasse de uma qualidade positiva inerente, todos os objetos do universo moral e físico.

Terei sempre a recordação das horas solenes que assim vivi em companhia apenas do Senhor da Casa de Usher. Contudo, falharei em qualquer tentativa para transmitir uma idéia do caráter exato dos estudos, ou das ocupações em que ele me envolveu. Um idealismo exaltado e altamente inquietante lançava um brilho cintilante por cima de tudo. As suas longas melopéias fúnebres andarão para sempre em meus ouvidos. Entre outras coisas, conservei penosamente a recordação de uma singular amplificação, ou antes, perversão de extravagante ária da última valsa de Von Weber. Das pinturas nas quais a sua fantasia requintada se comprazia, e que cresciam, pincelada a pincelada, atingindo uma fase

na qual eu experimentava uma profunda emoção, sem lhe saber a causa – dessas pinturas eu me esforçaria em vão por dar aqui mais do que uma pálida imagem, valendo-me do âmbito da palavra escrita. Pela mais alta simplicidade, pela clareza dos seus traços, ela atraía e prendia a atenção. Se algum mortal pintou algum dia uma idéia, esse mortal foi Roderick Usher. Para mim, pelo menos, nas circunstâncias que então me cercavam, vinha das puras abstrações que o hipocondríaco intentava lançar na tela, uma sensação que jamais se repetiu em mim, nem mesmo na contemplação de certas fantasias de Fuseli, bastante arrebatadas, mas certamente concretas.

Uma das concepções fantasmagóricas de meu amigo, que não participava tão rigidamente do espírito de abstração, pode ser aqui delineada, embora de uma maneira precária. Um pequeno quadro apresentava o interior de uma abóbada ou túnel imensamente longo e retangular, com paredes baixas, lisas, brancas e sem interrupção ou ornato. Certos pontos acessórios do desenho serviam para dar a idéia de que essa escavação estava situada a uma profundidade excessiva, abaixo da superfície da terra. Nenhuma saída era visível em nenhuma parte da sua extensão, e não havia nenhuma tocha ou outra fonte artificial de luz; contudo, uma avalanche de raios luminosos invadia tudo, e banhava a cena com um esplendor impróprio e espectral.

Falei há pouco desse estado mórbido do sentido da audição que lhe tornava intolerável qualquer música, exceto certos efeitos de instrumentos de corda. Talvez fossem os estreitos limites da guitarra em que ele por isso se confinava, o que deu origem, em grande parte, ao caráter fantástico das suas composições. Mas a arrebatada facilidade dos seus improvisos não podia ser assim explicada. Deviam ter sido, de fato eram tanto a música como a letra das extravagantes fantasias (pois ele não raro acompanhava a sua música com improvisos poéticos) o resultado dessa intensa concentração e atividade mental, à qual aludi anteriormente como observável apenas em dados momentos da mais elevada exaltação artificial. Recordo facilmente as palavras de uma rapsódia. Talvez esses versos tenham me impressionado mais profundamente porque, na sua significação mística e íntima me parecesse perceber e pela primeira vez uma inteira consciência por parte de Usher do vacilar do trono

da sua nobre razão. O poema intitulado "o Solar dos Espectros" era assim em essência:

I

Nos nossos vales muito verdes
Freqüentados pelos anjos bons,
Outrora um belo e soberbo solar –
Um radioso palácio – erguia a frontaria.
No domínio do monarca Pensamento,
Ele se elevava!
Jamais serafim algum estendeu as asas.
Sobre palácio que se lhe aproximasse em beleza!

II

Bandeiras amarelas  gloriosas douradas
No seu topo flutuavam ondulavam.
(Isto – tudo isto – ocorreu noutros tempos
Que vão longe)
E cada leve sopro que perpassava,
Naqueles dias suaves,
Ao longo das muralhas embandeiradas,
Era como um perfume alado.

III

Os que cruzavam aquele vale feliz
Viam através de duas janelas luminosas
Espíritos movendo-se musicalmente,
Ao ritmo de um melodioso alaúde,
Em torno de um trono, onde, sentado,
(Como o filho de um deus!)
Numa pompa digna da sua glória,
Aparecia o soberano desse império.

IV

E cintilante de pérolas e rubis
Estava a bela porta do solar
Pela qual passava, passava, passava,
Sempre a rutilar,
Uma multidão de Ecos, cujo doce ofício
Era apenas cantar,

Com vozes de uma beleza inefável,
O espírito e a sabedoria do seu rei.

V

Entes do mal, porém, vestidos de luto,
Assaltaram a alta morada do monarca;
(Ah! choremos, porque jamais outro amanhã
Brilhará sobre esse ser desolado!)
E, em torno da sua mansão, a glória
Que, purpureando-se, desabrochava,
Não é mais que uma vaga recordação de lenda
De uma época amortalhada.

VI

E os viajantes que agora cruzam aquele vale,
Pelas janelas avermelhadas, vêem
Grandes formas que se movem fantasticamente
Ao som de uma melodia destoante;
Enquanto, como um rápido rio espectral,
Pela porta pálida,
Uma multidão medonha se precipita sem cessar,
E ri – sem jamais sorrir.

Recordo-me, perfeitamente, de que sugestões despertadas por esta balada nos levaram a uma corrente de pensamentos onde veio à tona uma opinião de Usher, que menciono não tanto pela sua novidade (pois outros homens assim também pensaram), como pela pertinácia com que ele a defendeu. Esta opinião, na sua forma geral, era a da sensibilidade das coisas vegetais. Mas na sua fantasia desordenada, a idéia assumira um caráter mais ousado, e ia, sob certas condições, até o reino dos inorgânicos. Faltam-me palavras para exprimir toda a extensão, ou o seu fervoroso abandono a essa idéia. A crença, entretanto, estava ligada (como anteriormente aludi) às pedras cinzentas do lar dos seus avós. As condições desta sensibilidade tinham sido aqui, segundo ele imaginava, cumpridas na metódica justaposição das pedras – na ordem da sua disposição, tanto como na dos muitos fungos que se espalhavam por elas, e das árvores existentes no terreno – acima de tudo, na longa e intacta

duração dessa disposição, e na sua reduplicação nas águas paradas do pântano. A prova – a prova da sensibilidade – devia-se observar, disse ele (e aqui estremeci quando ele falou), na condensação gradual, mas certa, da atmosfera própria a essas águas e a essas paredes. O efeito era perceptível, acrescentou ele, nessa muda, mas importuna e terrível influência que durante séculos tinha formado os destinos de sua família, e que fez dele o que agora eu estava vendo: o que ele era. Tais opiniões não necessitam de comentários e eu não os farei.

Os nossos livros – os livros que, através de anos, tinham exercido uma influência não pequena na vida mental do enfermo – estavam, como se pode prever, em estrita harmonia com esse caráter fantástico. Nós nos debruçávamos juntos sobre obras como "Ververt et Chartreuse"; de Gresset; "Belphegor" de Machiavelli; "Heaven and Heil"; de Swedenborg; "Subterranean Voyage of Nicholas KIimm" de Holberg; "Chiromancy" de Robert Flud, de Jean d'Indagine, e de Dela Chambre; "Journey into the Blue Distance" de Tieck e "City of the Sun" de Campanella. Um volume favorito era a pequena edição do "Directorium Inquisitorium", pelo dominicano Eymeric de Girone; e havia trechos em Pomponius Mela, sobre os quais Usher ficava sonhando horas a fio. O seu principal prazer, entretanto, encontrava-se na leitura de um curioso e excessivamente raro in quarto em estilo gótico – o manual de uma igreja esquecida – Vigiliae Morluorum Secundum Chorum Ecclesiae Maguntinae. Não pude deixar de pensar no extravagante ritual desse livro, e na sua provável influência sobre o hipocondríaco, quando, certa noite, tendo-me ele informado bruscamente que a Senhora Madeline falecera, externou a sua intenção de guardar o cadáver durante uma quinzena (antes do enterro final) num dos números nichos existentes nas paredes principais do edifício. A razão aparente, entretanto, invocada para esse singular procedimento, era de natureza que não me compete discutir. O irmão da morta fora levado a essa resolução (assim me disse ele) à vista do caráter extraordinário da enfermidade da defunta, e também por causa da curiosidade ávida e importuna por parte dos médicos dela e da distância em que se encontrava o jazigo da família. Não negarei que quando me lembrei da fisionomia sinistra da pessoa com quem me encontrei na escada, no dia de minha chegada à casa, não

experimentei desejo algum de me opor ao que me pareceu uma precaução inofensiva e até certo ponto justificável.

A pedido de Usher, ajudei-o pessoalmente nos preparativos para o sepultamento temporário. Posto o corpo num ataúde, nós ambos, sozinhos, levamo-lo para o seu repouso no nicho onde o colocamos (e que permanecera por tanto tempo fechada que as nossas tochas, quase extintas pela sua atmosfera opressiva, deram-nos pequena oportunidade para investigação) era pequena, úmida e inteiramente privada de luz; ficava a grande profundidade, imediatamente abaixo da parte do edifício em que estava situado o meu próprio quarto de dormir. Esse subterrâneo fora utilizado, em remotas épocas feudais, como cárcere e, em tempos mais próximos, como depósito de pólvora ou alguma outra substância altamente combustível, visto que uma parte do chão e todo o interior de uma longa arcada, através da qual chegamos à câmara, estavam cuidadosamente forrados com cobre. A porta, de ferro maciço, fora também protegida do mesmo modo. O seu peso enorme causava um rangido insolitamente áspero, irritante, quando se movia nos seus gonzos.

Tendo depositado a nossa carga fúnebre sobre uma espécie de mesa, nessa região de horror, afastamos parcialmente a tampa ainda não aparafusada do ataúde, e olhamos para o rosto da morta. Uma notável parecença física entre o irmão e a irmã pela primeira vez feriu então a minha atenção; e Usher, adivinhando talvez os meus pensamentos, murmurou algumas palavras pelas quais soube que a finada e ele tinham sido gêmeos, e que afinidades de uma natureza dificilmente inteligível sempre tinham existido entre ambos. Os nossos olhares, todavia, não se conservaram por muito tempo sobre o cadáver, pois não podíamos contemplá-lo sem pavor. A doença que assim levara ao túmulo aquela mulher em pleno vigor da mocidade deixara, como acontece em todas as moléstias de caráter estritamente cataléptico, a ironia de um leve rubor no seio e no rosto, e esse sorriso tênue que é tão terrível nos lábios da morte. Tornamos a colocar e aparafusamos a tampa, e, depois de fechar a porta de ferro, dirigimo-nos, cansados, para os aposentos um pouco menos lúgubres da parte alta da casa.

E agora, passados alguns dias de grande amargura, uma visível mudança operou-se no aspecto do distúrbio mental do meu amigo. As suas maneiras habituais alteraram-se. As ocupações ordinárias foram descuradas ou esquecidas. Vagava de sala para sala com passos apressados, desiguais, e como que sem destino. A lividez do seu rosto tomara um tom ainda mais cadavérico – mas a luminosidade dos seus olhos tinha-se dissipado inteiramente. A rouquidão ocasional da sua voz não mais se ouvia; e um tremor como que causado por medo atroz habitualmente caracterizava a sua elocução. Havia ocasiões, na verdade, em que eu julgava que a sua mente incessantemente agitada estava em luta com algum segredo opressivo, para cuja divulgação ele procurava a coragem necessária. As vezes, eu era forçado a tudo explicar com os inexplicáveis caprichos da demência, pois o via de olhar perdido e fixo durante longas horas, numa atitude que denotava a mais profunda atenção, como se estivesse escutando algum som imaginário. Não era de admirar que o seu estado me inspirasse terror; que quase me contagiasse. Eu sentia subirem em mim, lenta mas seguramente, as bizarras influências das suas próprias superstições, fantásticas mas também impressionantes. Foi principalmente ao recolher-se um pouco tarde, na noite do sétimo ou oitavo dia depois do encerramento do corpo da Senhora Madeline na câmara, que experimentei todo o poder de tais impressões. O sono parecia evitar a minha cama e as horas passavam num moroso cortejo. Eu lutava por dominar o nervosismo que se apoderara de mim. Procurava fazer-me crer que grande parte, se não a tonalidade das minhas impressões, era devida à influência desconcertaste da mobília austera e triste do quarto; das tapeçarias escuras e estragadas que, tocadas pelo sopro de uma tempestade iminente, mexiam-se caprichosamente nas paredes e roçavam penosamente nos adornos da cama. Os meus esforços, porém, foram infrutíferos. Um invencível tremor gradualmente se apoderou de meu corpo; e, finalmente, instalou-se no meu próprio coração o íncubo do mais absurdo alarme. Fazendo um esforço e com uma arfada, soergui-me sobre o travesseiro e, procurando ver através da intensa escuridão reinante no quarto, pus-me à escuta, levado por uma força instintiva, e ouvi certos sons baixos e indefiníveis que vinham, entre as pausas da tempestade,

com longos intervalos, não sei de onde. Dominado por uma intensa sensação de pavor, inexplicável e intolerável, vesti-me depressa (pois compreendi que não dormiria mais naquela noite) e procurei furtar-me ao lamentável estado em que caíra, caminhando rapidamente, para um lado e outro, ao longo do aposento. Fizera poucas voltas, quando leves passadas numa escada próxima feriram a minha atenção. Reconheci-as logo como sendo de Usher. Um instante depois, ele bateu muito de leve na minha porta, e entrou, com uma lâmpada na mão. O seu rosto apresentava, como de costume, uma lividez cadavérica – mas, além disso, havia uma espécie de hilariedade de demência nos seus olhos – e uma histeria evidentemente contida se percebia por todo o seu aspecto. O seu ar me apavorou – mas tudo era preferível à solidão que eu sofrera através de tantas horas, e quase agradeci a sua presença como a uma consolação.

— E você não viu isso? — disse bruscamente, depois de ter olhado em torno em silêncio, durante alguns momentos. — Então você não viu isso? Olhe, venha ver. Assim falando, e depois de proteger cuidadosamente a lâmpada, apressou-se na direção de uma das janelas e escancarou-a para a tempestade.

A fúria impetuosa da rajada invasora quase nos lançou ao chão. Era realmente, uma bela noite de tempestade, singular e bizarra no seu horror e na sua beleza. Um redemoinho evidentemente percorria com toda a sua força a nossa vizinhança, pois havia freqüentes e violentas alterações na direção do vento; e a excessiva densidade das nuvens (que andavam tão baixo que tocavam os torreões do edifício), não impedia que percebêssemos a velocidade com que elas fluíam na distância. Digo que nem mesmo a sua excessiva densidade não impedia que percebêssemos estas coisas – mas não tínhamos um vislumbre sequer da lua ou das estrelas, nem chegava até nós o resplendor do relâmpago. Mas a superfície inferior das enormes massas agitadas de vapor, assim como todas as coisas terrestres situadas imediatamente em torno de nós, brilhavam na claridade anormal de uma exalação gasosa, levemente luminosa e distintamente visível, a qual flutuava no ar e envolvia a casa.

— Você não deve... você não pode estar a contemplar isso! — disse eu, estremecendo, para Usher, puxando-o

suavemente, da janela para uma cadeira. — Essas aparências que o espantam são simples fenômenos elétricos não muito raros, e talvez tenham a sua origem fantástica nos miasmas do charco. Vamos fechar essa janela; o ar está demasiado frio e perigoso para a sua constituição. Aqui tem um dos seus romances favoritos. Eu lerei e você escutará: e assim venceremos juntos esta noite terrível.

O velho volume que eu agarrara era o "Mad Trist" de Sir Launcelot Canning; mas eu o chamara livro favorito de Usher mais por gracejo do que a sério; porque, na verdade, havia pouca coisa na sua prolixidade tosca e quase nada imaginosa, que pudesse ter interesse para a espiritualidade e o sublime idealismo do meu amigo. Era, todavia, o único livro imediatamente à mão; e eu alimentava uma vaga esperança de que a excitação que então agitava o hipocondríaco, pudesse encontrar alívio (pois a história dos distúrbios mentais está cheia de anomalias semelhantes), mesmo nos excessos de tolices que eu devia ler. Se eu pudesse julgar pela atitude concentrada de atenção com que ele escutava, ou aparentemente escutava as palavras da narração, poderia congratular-me pelo êxito de minha lembrança.

Eu chegara àquela parte muito conhecida da história, em que Ethelred, o herói do Trist, tendo procurado inutilmente, por meios brandos, penetrar na habitação do eremita, resolve entrar à força. Nesta altura, o texto da narrativa diz:

"E Ethelred, que era um homem valente, e que estava agora ainda mais forte em virtude do generoso vinho que tomara, não esperou mais para parlamentar com o eremita, que, na verdade, era de caráter obstinado e maligno, mas, sentindo a chuva nos ombros, e receando o recrudescimento da tempestade, ergueu a maça e, desferindo golpes sobre golpes, abriu rapidamente um rombo na porta por onde podia entrar a sua manopla; e ora puxando a porta tenazmente, ora batendo com fúria, fez tudo em pedaços, levantando grande barulho da madeira seca, que alarmou e repercutiu por toda a floresta."

Ao terminar esta frase parei e, por um momento, fiquei em silêncio, pois (embora logo percebesse que a minha imaginação excitada me iludira) parecia-me que, de alguma parte muito remota da casa, vinha

indistintamente até os meus ouvidos, o que podia ter sido, na sua exata semelhança de caracteres, o eco (sem dúvida um eco sumido, abafado) dos sons que sir Launcelot descrevera havia pouco. Evidentemente, só a coincidência é que me ferira a atenção; porque, entre os estalidos das janelas e os outros ruídos confundidos e comuns da tempestade sempre crescente, o som em si mesmo nada tinha que pudesse ter-me interessado ou perturbado. Continuei a história:

"Mas o bom campeão Ethelred, penetrando agora pela porta, ficou grandemente irritado e confundido por não perceber sinal algum do maligno eremita; mas, em lugar dele, um dragão escamoso e de aspecto prodigioso, com uma língua ígnea, montava guarda diante de um palácio de ouro, com chão de prata; e da parede pendia um brilhante escudo de bronze com esta inscrição:

Quem entrar aqui será vencedor; quem matar o dragão apoderar-se-á do escudo.

"E Ethelred levantou a maça e abateu-a na cabeça do dragão, que caiu diante dele, exalando um sopro pestilento – o seu último alento – com um guincho tão horrível, áspero e penetrante, que Ethelred tapou os ouvidos com as mãos, para fugir àquele som estranho e medonho".

Aqui novamente fiz uma pausa, e agora com uma impressão de desconcertante estupefação – pois não havia dúvida nenhuma de que naquele momento eu efetivamente ouvia (embora me fosse impossível precisar de que direção provinha) um som agudo irritante, prolongado, penetrante como um grito esganiçado, que parecia vir de longe – a reprodução exata daquilo que a minha imaginação concebera com relação ao bramido selvagem do dragão, conforme a descrição do escritor. Impressionado, como sem dúvida me encontrava, pela ocorrência desta segunda e extraordinária coincidência, por mil sensações contraditórias, em que predominavam o pasmo e o terror extremos, ainda conservei suficiente presença de espírito para evitar o agravamento, por contágio, da sensibilidade de sensitiva do meu companheiro. Não duvidava de que ele tivesse reparado nos sons de que falei; e, mesmo, uma estranha alteração se operava, durante os últimos minutos, no seu exterior. De uma posição em face da minha, ele gradualmente torcera a cadeira de modo a ficar com a frente voltada

para a porta do quarto; e assim eu podia apenas ver parcialmente as suas feições, percebendo que os seus lábios tremiam como se ele estivesse murmurando qualquer coisa inaudível. A sua cabeça caíra-lhe sobre o peito – eu sabia, porém, que não dormia, porque, pelo seu perfil, podia ver que conservava os olhos rigidamente abertos. Os movimentos do seu corpo me firmavam também nessa conclusão, pois ele oscilava suave, mas constante e uniformemente. Tendo rapidamente observado tudo isso, voltei à narrativa de Sir Launcelot, que continuava como segue:

"E agora o campeão, tendo escapado à terrível fúria do dragão, voltou a sua atenção para o escudo de bronze e pensou na quebra do encanto que pesava sobre ele. Afastou a carcaça para um lado e aproximou-se decididamente, pisando o pavimento de prata do castelo, do lugar onde pendia o escudo; este, porém, não esperou pela sua ação, e caiu aos seus pés, no chão de prata, com um tinido retumbante, ensurdecedor".

Estas últimas sílabas nem bem haviam passado através dos meus lábios e – como se um escudo de bronze tivesse realmente, naquele momento, caído pesadamente num pavimento de prata percebi um ruído distinto, profundo, metálico e estridente, embora aparentemente velado. Completamente desatinado, pus-me de pé num salto; mas os movimentos ritmados de Usher não se alteraram. Precipitei-me para a cadeira em que ele estava sentado. Seus olhos estavam fixamente perdidos no espaço, e em todo o seu rosto havia uma rigidez de pedra. Mas, quando coloquei a minha mão sobre o seu ombro, um forte estremecimento percorreu-lhe todo o corpo, um sorriso doentio apareceu nos seus lábios; e percebi que ele falava com uma voz ininteligível, sumida como um murmúrio, como se ignorasse a minha presença. Inclinando-me sobre ele, consegui finalmente apanhar a medonha significação das suas palavras.

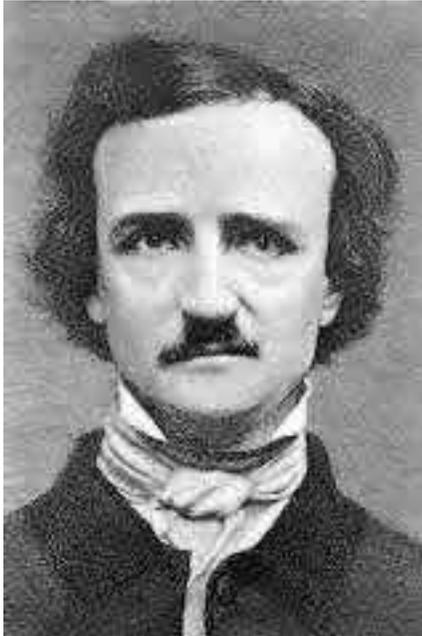
— "Estarei agora ouvindo aquilo? Sim, estou ouvindo e tenho ouvido. Por muito, muito tempo, muitos minutos, muitas horas, muitos dias, tenho ouvido isso; mas não ousava... Oh! piedade para mim, para um miserável! Eu não ousava... Eu não ousava falar! Nós a pusemos viva no túmulo! Eu não dizia então que os meus sentidos estavam aguçados? Agora digo a você que ouvi os seus primeiros débeis movimentos no silencioso ataúde. Eu os ouvi, há

muitos, muitos dias; entretanto, não ousei... não ousei falar! E agora... esta noite... Ethelred... Ha! Ha! A destruição da porta do eremita, e o grito de morte do dragão, e o estrondo do escudo... E a abertura do seu ataúde, o ranger dos gonzos da sua prisão, a ressonância das paredes forradas de cobre do subterrâneo! Oh! para onde fugirei? Não irá ela aparecer aqui dentro de um momento? Não se está apressando para censurar a minha intenção? Não estou ouvindo os seus passos lá na escada? Não é isto o terrível e lento pulsar do seu coração? Insensato!" — aqui ele se pôs galvanicamente de pé e gritou estas sílabas, como se fizesse o esforço do último alento — Insensato! Eu afirmo que ela agora está de pé atrás da porta!

Como se na energia sobre-humana da sua elocução houvesse o poder de um sortilégio, as enormes e antiquadas almofadas, para as quais ele apontava, recuaram vagarosamente, nesse instante, as suas graves bocas de ébano. Era a obra de uma formidável rajada – mas, escancarada a porta, apareceu, de pé, a figura altaneira e amortalhada da Senhora Madeline de Usher. Havia sangue na sua veste branca e vestígios de alguma luta áspera em cada parte do seu corpo emagrecido. Por um momento, ela ficou, trêmula, a vacilar no umbral – depois, com um pequeno grito lamentoso, caiu pesadamente para dentro, sobre o corpo de seu irmão, e, na sua violenta e agora final agonia, o que ela arrastou para o chão foi apenas um cadáver, a vítima dos horrores que ele mesmo previra. Daquele quarto e daquela casa, eu fugi espantado. A tempestade continuava desencadeada, com toda a sua fúria, quando me vi finalmente atravessando o velho caminho pavimentado. De repente, surgiu ao longo do caminho uma luz estranha, e eu me voltei para ver donde poderia ter saído uma claridade tão insólita, pois atrás de mim só havia a mansão com suas sombras. O resplendor vinha de uma lua no ocaso grande e cor de sangue, que agora brilhava vivamente através daquela fenda antes apenas perceptível, da qual eu disse que se estendia desde o telhado do edifício, fazendo ziguezague, até ao alicerce. Enquanto eu olhava, esta fenda rapidamente se alargou – houve uma rajada mais impetuosa da ventania – o globo inteiro do satélite invadiu de repente o campo de minha visão – meu cérebro sofreu um como desfalecimento

quando vi que as grossas paredes ruíam, despedaçando-se – houve um longo e tumultuoso estrondo, com mil vozes de água – e a profunda e sombria lagoa aos meus pés fechou-se funebremente por sobre os destroços da "Casa de Usher".

**************

# Ator & Obra

## Edgar Allan Poe

Edgar Allan Poe nasceu em Boston, em 19 de janeiro de 1809. Sua família paterna era de origem irlandesa, enraizada em Baltimore, onde conquistara postos entra as melhores famílias da região. Seu avô, David Poe, tinha feito a Guerra da Independência. Fora "Quartel-master-general" de Lafaiete, que lhe atribuiu mandatos importantes, dispensando-lhe estima e admiração. O filho mais velho também se chamou David e se fez herdeiro dos espírito de aventura, que conduzia seu pai às trincheiras, sob o comando do general francês. Apaixonando-se pela atriz inglesa Elizabeth Arnold, mulher de estonteante formosura, David rompera todos os laços de família, casando-se e fazendo-se ator também para percorrer todas as cidades norte-americanas com sua "troupe".

A vida errante não lhe concedeu nunca os indispensáveis recursos de vida. Breve o casal tinha dois filhos: Willian e Edgar. Pouco mais tarde o nascimento de Rosalie comprometerá a saúde materna, já comprometida pelos sacrifícios da existência incerta um pouco vagabunda, feita de imprevistos cruéis e de misérias implacáveis. Com vinte e quatro anos apenas Elizabeth morre, então, deixando David enfermo. Tuberculoso e sem recursos imediatos, ele deveria acompanhá-la breve, deixando os três filhos em extrema penúria.

Mas os órfãos encontraram obrigo nas famílias de Richmond. Edgar fora adotado pelo rico casal John Allan e Frances Keeling Allan.

Edgar estudou na juventude na Inglaterra, no colégio Stoke-Newington, de Londres. Era um velho edifício sombrio e gótico. Mais tarde, de volta à Richmond, Poe continuaria seus estudos na Universidade de Charlotteville. Desde cedo, Poe se mostrara um rapaz extremamente inteligente e genioso, motivo esse que o levaria a ser expulso da Universidade. Edgar era filho da paixão sem disciplina e do espírito largo da aventura, explica Baudelaire, seu mais fiel entusiasta.

Edgar Allan Poe era um jovem aventureiro, romântico, orgulhoso e idealista. Aperfeiçoou seus estudos na Universidade de Virgínia, mas com não seguia os rígidos padrões da época, foi expulso da Universidade. Poe era um boêmio que se entregava à bebida, ao jogo e às mulheres. Homem de ação forte, também era um homem de devaneio.

Vivia no luxo e cultivava o amor vadio. Seguindo os passos romanescos de Byron, mais tarde Poe foi para a Grécia e alistou-se no exército lutando contra os turcos. Como todos os jovens da época, Poe sonhava com as glórias militares. Mas aventura acabou saindo muito caro. Perdido nos Bálcãs, sofrendo ônus terríveis no percurso, acaba chegando na Rússia sem documentos e sem dinheiro. Acaba sendo repatriado pelo cônsul americano, mas em seu retorno, descobre que sua mãe adotiva a quem devera tudo, havia morrido.

Na volta aos Estados Unidos, alista-se num Batalhão de Artilharia e mais tarde matricula-se na Academia Militar de West Point. Era conhecido pelos colegas como aquele que "Embarcou para Grécia num baleeiro". É lógico que o ritmo de uma escola para Cadetes do Exército não seria compatível ao gênio de Edgar. Ele se concentrava muito mais em seus poemas do que nos estudos.

Com o lançamento de uma Compilação de Poemas (1831), o orgulhoso Edgar Allan Poe abandona West Point e rompe relações com o pai adotivo (que se casara recentemente e deixara Poe muito contrariado).

Com 22 anos, poeta de ofício, sujeito a devaneios, pobre e sem vontade inflexível, consola-se publicando: "Poemas".

De regresso a Baltimore, em busca de seu irmão Willian, assiste à morte deste e entra nas relações de uma tia, viúva com duas filhas, também pobre e sem arrimo seguro. Vivendo em miséria profunda, durante 2 anos Edgar consegue um pouco de triunfo ao vencer dois concursos de poesias. Com uma certa fama, o editor Thomaz White entrega para Poe a direção do "Southern Literary Messenger" em 1833. Pouco depois, escreveria seu primeiro conto: "Uma Aventura sem paralelo de um certo Hans Pfaal". Fica na direção da revista por 2 anos, depois de ter escrito outros vários contos, poemas e resenhas. Edgar Allan Poe já tinha uma certa reputação e um bom número de leitores.

Suas críticas tiveram grande repercussão e os jornais, abrindo-lhes as portas e as colunas de honra, decretando-lhe dias melhores. Com 27 anos, em 1836, ele casa-se com a prima de apenas 13 anos. Virgínia Clemn, eis a mulher ideal que o destino lhe destinara para lhe ser a única. A tia aceita o casamento desigual. Era sua esposa e musa. Virgínia gostava de música, canto e poesia; o que deixava Edgar muito entusiasmando. Em 1838 trabalha com Editor da Button's Gentleman Magazine. Na companhia da Sra. Clenm o casal vivera na Filadélfia, Nova York, Fordham, até que, de novo, a penúria lhe bate à porta. A vida de intimidade conjugal será prolongada pela dedicação da tia. Mas, as amarguras de Edgar Allan Poe não tinham limites. Virgínia, indo cantar na casa de amigos, sofrera um acidente causando-lhe uma forte hemorragia interna que a faz cair doente sem nunca mais voltar. Em 1847, morre deixado o marido no luto e na miséria espiritual.

Em 1849. Poe reage e publica o célebre poema "O Corvo" que o coloca novamente no alto da literatura americana. Edgar não abandona a tia. Esta constitui a lembrança viva de Virgínia. A Sra Helen Whitman, de Boston, dar-lhe-á estímulos e apoio. Enfermo, ele encontrara amigos e admiradores amigos e admiradores. Mas foi preciso lutar. O álcool reduzira-o de modo estranho. Seu "Romance Cosmogônico" "Eureka" acaba por lhe atribuir um renome literário enorme. Sua conduta provocava censuras acres da imprensa e da sociedade; mas o poeta cumpria as sentenças do destino...

A exemplos de outros, resolve fazer "leituras" de seus poemas e contos para um público de jornalistas e intelectuais antes de publicá-los. Seus trabalhos lhe renderam mais honras e prestígio. O trabalho fica cada vez mais cansativo e Poe se entrega mais e mais à bebida. Poe volta a Richmore por uma temporada, mas acaba deixando-a por Nova York na esperança de deixar seu passado lúgubre para trás. Chegando a Baltimore, suas conseqüências o abateram. Antes de seguir para a Filadélfia resolve entrar nem Taverna à caça de estimulantes. Aí encontram velhos amigos demorando-se mais do que pretende, vencido, mal percebendo o andar do tempo. Na manhã seguinte, os transeuntes encontraram um homem agonizante, em abandono, na sarjeta. Pouco depois descobrem que aquele homem sem documentos e dinheiro era Edgar Allan Poe. Conduzido ao hospital, pouco resistiu, morrendo aos 39 anos apenas, deixando uma obra opulenta, escrita através de sacrifícios espantosos, de desordens implacáveis, de desconcertos incríveis.

Foi criador do gênero das histórias de terror. A base de toda a prosa de Edgar Allan Poe apoia-se no fantástico das exacerbações da natureza humana: alucinações, cuja lógica ultrapassa a da consciência habitual. São personagens com mentes inquietas e febris; neuróticos; o duplo de cada homem. Edgar Allan Poe é, na Literatura universal, um dos principais escritores malditos. Sua influência estendeu-se à poesia simbolista, à ficção científica, ao romance policial moderno e psicológico.

Certo dia, após uma bebedeira, é encontrado inconsciente numa rua. Levado para um hospital, vem a falecer em 1849.

A base de toda a prosa de Poe apóia-se no fantástico das exacerbações da natureza humana: alucinações, cuja lógica ultrapassa a da consciência habitual, mentes inquietas e febris, personagens neuróticas, o duplo de cada homem. A impressão de realismo é criada dentro do irreal. Os cenários são brumosos, repletos de elementos de morte e fatalidade. O fatalismo e o mergulho no lado desconhecido da alma humana revelam uma vivência

pessoal que fez de Poe um dos principais "escritores malditos" da Literatura universal.

A influência de Poe estendeu-se à poesia simbolista, à ficção científica, ao romance policial moderno e psicológico. Em 1848, "Contos do Grotesco e do Arabesco" foi publicado na França como "História Extraordinárias", por Baudelaire.